

Recensões

Günther GASSMANN; Scott HENDRIX.
As Confissões Luteranas: introdução.

Tradução de Enio R. Mueller.
São Leopoldo: EST/Sinodal, 2002. 214 p.

Já de há muito se sentia a falta de um livro como este, em português, que pudesse ser usado tanto como livro-texto em escolas quanto para a leitura e o aprofundamento pessoais ou em grupos de comunidades. Os autores representam um amplo espectro em termos de confessionalidade luterana. Gassmann é alemão e muito conhecido no campo do ecumenismo. Hendrix é americano e representa o luteranismo missouriano. O fato de terem conseguido sentar-se juntos e produzir um texto comum de interpretação dos escritos confessionais luteranos é um acontecimento histórico. No momento em que também no Brasil as duas correntes do luteranismo se aproximam, buscando diálogo e entendimento mútuo, este livro pode ajudar neste processo.

O livro quer ser uma ampla e, ao mesmo tempo, concisa introdução aos escritos confessionais luteranos, tal como estes se encontram no *Livro de Concórdia*. A tradução portuguesa foi toda ela adaptada à versão portuguesa do Livro de Concórdia, facilitando assim o acesso direto ao mesmo. Este é o objetivo do livro: não substituir a leitura do LC, mas introduzir à leitura do mesmo.

Os primeiros dois capítulos oferecem uma síntese histórica, primeiro da Reforma como um todo e depois do desenvolvimento do luteranismo, especificamente. O terceiro capítulo oferece, então, uma introdução ao LC em conjunto e a cada um dos textos que nele se encontram, situando-os historicamente e nas ênfases que lhes são próprias. Esta parte introdutória geral quer situar o/a leitor/a, dando-lhe os subsídios necessários para o início do estudo sistemático dos textos confessionais no restante do livro.

A análise sistemática concentra-se em três grandes blocos. O primeiro (capítulo 4) trata da “Estrutura da Fé”, mostrando a norma, a moldura, a base e o centro das confissões luteranas. Aqui se trata das questões de fundo

da teologia: a relação entre Escritura, tradição e confissão; a correlação entre lei e evangelho, fundamento da hermenêutica e da pregação luterana; a Trindade como base de toda a teologia; e o artigo da justificação por graça mediante a fé como o seu centro gravitacional.

O segundo bloco (capítulo 5) trata da “Comunidade Cristã”, analisando as questões relacionadas aos sacramentos, ao ministério, à ordem eclesial e à natureza da igreja. O terceiro bloco (capítulo 6) trata, finalmente, da “Vida Cristã”, ou seja, do discipulado cristão no mundo. Começa abordando a difícil questão dos “dois reinos”, e segue tratando do pecado, do livre-arbítrio, da predestinação, das boas obras e santificação e da vida eterna.

O livro termina com um capítulo final sobre o luteranismo no mundo, hoje. Discute a questão da identidade luterana e dá uma idéia geral sobre as igrejas luteranas na atualidade. Todo o livro, mas especialmente este último capítulo, tem grande utilidade para pessoas de outras confissões cristãs. O conhecimento recíproco deve ser a base do diálogo ecumênico. E quem quer se informar sobre quem são os luteranos e o que pregam tem nesse livro uma boa fonte de referência.

Cada capítulo termina com uma série de questões para discussão e aprofundamento. São úteis tanto para revisão da temática do capítulo como também para grupos de estudo.

A estratégia autoral é a seguinte: cada capítulo ou parte de capítulo foi escrita e é assinada por um dos dois autores. Ambos, porém, leram as contribuições um do outro e puderam discuti-las extensivamente antes da redação final. O resultado não é um texto completamente homogêneo, o que também não representaria a realidade do diálogo intraconfessional luterano na história e na atualidade. Há tensões, há ênfases. O livro certamente não apresenta uma resposta final a todas as questões debatidas entre os luteranos hoje. Mas apresenta os elementos para tornar os debates mais qualificados. Geralmente a linguagem é conciliadora, o que, na minha opinião, é um ponto positivo. O próprio Lutero nos encoraja a “interpretar tudo da melhor maneira possível”, e certamente isso inclui as opiniões de luteranos de outras denominações.

Nós é que temos que decidir o que fazer com as diferenças: torná-las impedimento para a caminhada conjunta, ou riqueza interpretativa e ocasião para amadurecimento pessoal e comunitário. Nossa história nos mostra que, infelizmente, muitas vezes a primeira prevaleceu. Por que não reverter esta tendência? Com base em um estudo consciencioso da tradição comum, que nos possibilite novamente o acesso comum ao texto bíblico? Nossa geração deve decidir, assim como cada uma das anteriores teve de fazer.

Para essa decisão, o livro talvez não ajude num primeiro momento, já

que, em certo sentido, ela é anterior. O livro, contudo, pode ajudar ou a desarmar espíritos através de uma compreensão mais correta dos fundamentos da teologia luterana, ou a encorajar ainda mais na decisão de aproximação e do convívio com as diferenças, de compreender melhor as posições dos outros e também o caráter relativo de suas próprias posições.

Enio R. Mueller
Escola Superior de Teologia,
São Leopoldo/RS

Kjell NORDSTOKKE (Org.).
Diaconia em perspectiva bíblica e histórica.
São Leopoldo: EST/Sinodal, 2003. 304 p.

A ciência diaconal como reflexão sobre o mandato e a práxis diaconal da igreja faltou por muito tempo no currículo teológico. Somente nos últimos anos se passou a dar mais atenção a esta disciplina nas faculdades de Teologia. Vemos isto como consequência da nova ênfase que hoje se dá à Teologia Prática e também como expressão de uma epistemologia que se orienta a partir do contexto e da realidade, visando interpretá-los à luz da fé cristã. Por meio desta metodologia, que sempre foi preferida pela teologia da libertação latino-americana, a prática cristã se torna importante. Assim, a diaconia ganha sua relevância e importância como reflexão crítica sobre aquilo que a igreja – seja a comunidade local, sejam pessoas cristãs conscientes – faz a serviço de Deus na realidade humana de injustiça, exclusão e sofrimento.

Por que demorou tanto até que a teologia acadêmica começasse a se interessar pela diaconia? Há explicações para isso. A teologia clássica, que por gerações dominou o estudo de Teologia, tem um forte traço idealista, concentrando-se primordialmente nas questões consideradas eternas, válidas para todos os tempos e em qualquer lugar do mundo. Na tradição luterana, sempre se deu mais ênfase à interpretação da palavra divina, sob a dialética da lei e da graça. Com a chegada da época moderna, apresentou-se em primeiro lugar o desafio de como relacionar a fé e a razão. Assim, a tarefa primária da teologia foi encarada como responder perguntas sobre o *ser* humano, e menos sobre o seu *estar* no mundo.

Dentro desse esquema, toda a Teologia Prática ocupava um lugar secundário. Sua tarefa limitou-se, em parte, a aplicar o saber das disciplinas primárias. Se havia manifestações contra esta compreensão, elas partiam de uma visão mais centrada no culto da igreja e na figura do pastor. Assim, pôde criar-se um interesse pela poimênica e outras expressões da teologia pastoral, mas não necessariamente pela diaconia.

O movimento diaconal que foi fundado na Alemanha por personagens como Fliedner e Wichern a partir dos anos 30 do século 19 e que se manifestou em inúmeras instituições diaconais espalhadas também fora do território alemão praticamente não se refletiu na teologia alemã contemporânea. Isso pode ter as razões indicadas acima. Outro fator é que o movimento diaconal era muito ligado ao pietismo e à missão interna, e por isto teve certa dificuldade de comunicar-se com a academia, que, nessa época, era fortemente marcada pelo racionalismo e pela teologia liberal.

As experiências das duas guerras mundiais contribuíram para abalar a teologia idealista. A teologia dialética rompeu em parte com o contexto burguês e liberal. Viu o mundo sofrido como arena da atuação da igreja, assim como, por exemplo, Bonhoeffer expressou isto em sua resistência à ideologia nazista. Depois de 1945, a igreja foi desafiada a considerar a sua atuação na sociedade, pois tinha estado freqüentemente aliada ao poder, também quando o poder se tornou opressor e causou injustiça e sofrimento humano.

Na Alemanha deu-se, nessa época, uma nova iniciativa diaconal. As igrejas empenharam-se para organizar uma assistência de emergência às vítimas da guerra. Com o tempo, essa iniciativa ligou-se às tradicionais instituições de diaconia e missão urbana, e foi criada a *Diakonisches Werk* (Obra Diaconal), que se tornou um poder no desenvolvimento do sistema de bem-estar social na Alemanha federal.

É nesse contexto de autocrítica eclesial e de novas iniciativas diaconais que se iniciou uma nova reflexão teológica sobre a diaconia. A *Diakonisches Werk* tomou várias iniciativas para promover esta reflexão, facilitando, por exemplo, a fundação do Instituto de Ciência Diaconal (*Diakoniewissenschaftliches Institut*), vinculado à Universidade de Heidelberg.

Muitos dos artigos deste livro foram escritos dentro desse contexto. Refletem a consciência da sociedade moderna e revolucionária. Procuram uma igreja mais pé no chão, mais humilde, mais servidora. Vêm os desafios da presença diaconal na construção de uma sociedade social e democrática.

Ao mesmo tempo, os autores desses textos têm a ambição de demonstrar o fundamento teológico da diaconia, seja no testemunho bíblico, seja na teologia sistemática. Querem também revelar as raízes históricas da diaco-

nia. Neste sentido, naturalmente, a posição dos reformadores representa um problema que merece atenção especial. Por fim, também a questão do ministério do diácono é tratada. Aqui, o interesse por uma antiga ordem na igreja foi ligado à questão do ministério condicionado pelas tarefas da igreja no mundo de hoje.

Mesmo que estes textos representem, desta maneira, um contexto e, em parte, um período à parte da realidade brasileira, são importantes para o estudo da diaconia. As perguntas fundamentais continuam sendo relevantes, e o material constitui uma contribuição acadêmica de grande valor. Por isto, é muito positivo que estes textos estejam agora acessíveis em língua portuguesa.

Na minha opinião, é mister acrescentar mais duas perspectivas à apresentação deste livro. A primeira refere-se à pesquisa recente, que revelou que a diaconia sob a tradição pietista alemã a apresenta como serviço humilde e quase auto-extermínio. O teólogo australiano John Collins tem demonstrado, a partir de estudos das fontes gregas, que “diaconia” significa tarefa honrosa, igual à missão dada a um enviado especial por seu senhor. Por isto, no Novo Testamento muitas vezes a palavra grega *diakonia* é traduzida por “ministério”, que inclui liderança e autoridade, e evidentemente tarefas concretas a cumprir. O diácono é muitas vezes um *go-between* (articulador), uma pessoa que toma iniciativas para construir relações e promover justiça e reconciliação.

Diaconia como autoridade nunca deve ser autoridade sobre outros, mas autoridade para algo que é importante e desejado por Deus. É autoridade para dignificar os excluídos, para construir cidadania, para promover justiça e paz. O ministério diaconal é, dentro desta compreensão, o ofício na igreja que zela por essas tarefas.

A segunda perspectiva, e sem dúvida a mais importante, refere-se à nova reflexão sobre a diaconia ocorrida no contexto latino-americano nos últimos anos, e especialmente no Brasil. Neste contexto são produzidos vários ensaios importantes que refletem aquilo que aqui se vive e faz. Vemos nisto um compromisso mais forte com a causa dos pobres e excluídos, de uma maneira que leva a uma *diaconia migrante*, como se formulou na Consulta Latino-Americana sobre Diaconia realizada em Florianópolis em 2002. Uma diaconia crítica e profética, mas ao mesmo tempo disposta a caminhar junto e construir pontes em direção a um convívio humano mais justo e participativo, tanto na sociedade quanto na igreja.

Faz parte dessa nova escola brasileira de reflexão sobre a diaconia sublinhar a inter-relação entre fé e ação. Aqui a diaconia nunca é encarada

como departamento isolado na vida da igreja. Ao contrário, elabora-se uma compreensão da profunda relação entre diaconia e liturgia, entre espiritualidade e serviço. Outro acento encontra-se no interesse pela cultura como chão no qual a identidade e dignidade humana se manifestam. É nestes moldes que se produz a racionalidade da diaconia. A sua ação não pode ser limitada pela profissionalidade do trabalho social, tampouco por pontos de vista políticos ou ideológicos numa determinada situação. *O por que?* e *o como?* da diaconia têm um fundamento bem mais sólido e, ao mesmo tempo, válido para para todo o ser e a vida da igreja cristã.

Oslo, 19 de março de 2003
Kjell Nordstokke
(Texto da Apresentação)

Romeu R. MARTINI.

Eucaristia e conflitos comunitários.

**São Leopoldo: EST/Sinodal, 2003. 404 p.
Série Teses e Dissertações, volume 18.**

Romeu Ruben Martini brinda-nos com um trabalho científico portentoso, de rara relevância eclesial, fruto de seis anos de trabalho científico muito bem aproveitados. Esta é, sem sombra de dúvida, uma das mais relevantes obras de Ciência Litúrgica escritas até hoje no âmbito protestante latino-americano.

No ponto de partida deste trabalho temos um problema crucial levantado pela viva e palpitante realidade. Qual é a relação entre a celebração comunitária da Ceia do Senhor e os conflitos que eclodem dentro da mesma comunidade entre pessoas que se empenham na luta por terra, teto e trabalho, e outras pessoas e grupos que, “por causa de suas posses, estabilidade, ou seus medos e preconceitos, sentem-se ameaçados”? Aqui temos, de fato, teologia feita a partir do povo.

A busca de subsídios para trabalhar o problema colocado é minuciosa, profunda e abrangente. O autor mergulha em profundidade no estudo da Eucaristia, desde as origens até o século 3. Ausculta a relação entre Eucaristia e

conflitos comunitários na comunidade primitiva e em Corinto. Por fim, busca referências norteadoras a partir da Reforma de Lutero. Ao realizar tudo isso, vai reunindo e disponibilizando um enorme acervo de informações litúrgicas dificilmente encontráveis, dessa forma, em língua portuguesa.

Prestando um serviço extraordinário ao âmbito luterano e protestante, o autor recupera uma série de tópicos litúrgicos soterrados por uma reflexão dogmático-confessional elaborada na tradição luterana sem os necessários conhecimentos litúrgicos não só da Igreja Antiga, mas das próprias origens da Reforma. Desvela e corrige numerosos desvios litúrgicos dessa tradição que sepultou preciosas pérolas como o ofertório, o gesto da paz, a dimensão comunitária e de ação de graças da Eucaristia, e, em troca, elevou a confissão de pecados ao status de elemento essencial da Ceia do Senhor, deu continuidade à coisificação e individualização da Ceia, que já vinha desde os primórdios da Idade Média, e levou ao extremo a mutilação da Oração Eucarística. Tudo isso é posto a descoberto, esclarecido e debatido neste trabalho, com grande conhecimento de causa. Neste sentido, temos aqui, para o âmbito luterano e protestante da América Latina, um trabalho realmente desbravador, que deita sólido fundamento para uma renovação litúrgica teologicamente bem embasada.

Num último capítulo, o autor traz proposta de soluções concreta, coerente com e muito bem deduzida dos subsídios pesquisados. Aponta caminhos litúrgicos factíveis. Assim como partiu de problemas reais e candentes, indica rumos igualmente reais e impactantes.

Atendendo a solicitações do meio acadêmico, o autor proveu esta publicação de um precioso índice analítico. Com tal instrumento, este trabalho se torna, definitivamente, relevante obra de consulta que há de multiplicar-se e influenciar a pesquisa e o fazer litúrgicos, sobretudo no meio protestante da América Latina, pelas próximas décadas.

Nelson Kirst
(Texto da Apresentação)